



Élisabeth Dmitrieff.

4

Élisabeth Dmitrieff e a União das Mulheres Café des Nations, rue du Temple, 79

Comparecemos pontualmente à reunião que Léo tinha organizado expressamente para nós. Eram 7 da manhã, a luz do dia mal raiava. Confusa com a pouca luminosidade, precisei verificar por duas vezes o endereço anotado em um pedaço de papel. Nenhum engano, estávamos no número 79 da rue du Temple, em frente à fachada barroca do Café des Nations. Mohr podia negar seu cansaço, mas seu caminhar lento falava por si. Passara a noite tossindo; estava exausto. Discretamente, tomei a frente para segurar a porta e, antes de colocar a mão na maçaneta, os batedores rangeram alto, alertando para nossa intrusão. Assim que entramos, hesitamos por um momento antes de empurrar as grossas cortinas roxas que bloqueavam o acesso a um círculo que supostamente funcionava como um vestíbulo. Por trás dessas cortinas improvisadas, Élisabeth nos esperava.

Lisa era uma jovem russa por quem nossa família se apaixonara, em Londres, e para a qual Pai havia conferido, algumas semanas antes, a missão de acompanhar a evolução dos acontecimentos em Paris. Uma função de observadora para a ATF que não durou muito, já que, desde sua chegada, no dia seguinte à proclamação da Comuna, nossa *Russian Lady* carente de ação preferiu, ao que parece, se deixar apanhar pelo turbilhão embriagador da revolução. Léo nos dissera que nossa “correspondente especial”, tão logo desembarcou, havia sido imediatamente confrontada com tarefas muito mais estimulantes que escrever relatórios minuciosos para a Internacional. Tanto mais que o acolhimento à sua

chegada, por parte do escritório da seção de Paris, não fora dos mais calorosos. O programa político de Pai irritou não poucos militantes e seus escritos nunca deixaram de suscitar polêmica nas instalações da place de la Corderie. O mesmo não se podia dizer do machismo habitual, que parecia não provocar a mesma discórdia. A esse respeito, as concepções misóginas de Proudhon tinham duradouramente poluído os espíritos. Eu podia imaginar a desconfiança da qual Lisa fora objeto. Ela era mulher, jovem, bonita, inteligente, carismática, próxima de Marx e, como se não bastasse, aristocrata e russa. Aos olhos deles, acumulava pontos negativos.

Mas Lisa não se deixou abater e decidiu seguir outro caminho, misturando ativamente seu destino ao da insurreição. Tão logo deixou a bagagem em seu modesto apartamento, no boulevard de Saint-Ouen, ela já estava empregando toda a sua energia para contribuir, na medida de suas possibilidades, para o sucesso da Comuna. Não demorou para que Lisa ganhasse a reputação de partidária obstinada da revolução social. Suas entonações russas intrigavam tanto quanto sua facilidade em cativar a atenção da multidão. Ela tinha uma desenvoltura para falar bem e sem rodeios, qualidade peculiar à sua geração; juventude rebelde, romântica e apressada, nascida da luta política contra o imperador Alexandre II na década de 1860. Uma eloquência que ela pôde refinar, mais tarde, durante o exílio em Genebra, em meio à diáspora de refugiados políticos de todo o mundo.

Pai adorava dizer que os insurgentes franceses tinham tomado “o céu de assalto”. Quanto a Lisa, brilhou como uma estrela cadente surgida do nada. Seu nome circulava nos lábios da capital; os boatos, envoltos em mistério e lendas urbanas, chegaram até mesmo aos ouvidos do ministro Adolphe Thiers. Este não sabia, porém, que aquele patronímico era na realidade apenas um pseudônimo de guerra, afançado, inventado por Lisa pouco antes de, saindo de Londres, cruzar o canal da Mancha com uma identidade falsa. Não era Lisa Tomanovskaia que iam encontrar naquele bairro parisiense, mas sim a senhora Elisabeth Dmitrieff, recentemente promovida à presidência da União das Mulheres para a Defesa de Paris e para os cuidados dos feridos.

Léo nos explicou que, desde o início, o movimento tinha sido objeto de muitos debates. Em menos de uma semana de existência, já era impossível contar as façanhas por ele realizadas. Seu manifesto de fundação, escrito por Lisa em 11 de abril, foi como um fôforo aceso jogado em um barril de pólvora. Ele literalmente incendiara os corações das mulheres de Paris: “Cidadãs, o desafio está lançado. É preciso viver ou morrer. E se não tivermos fuzis ou baionetas, teremos paratelepédos para esmagar os traidores”. Esse tipo de convocação não podia passar despercebido nem pelos *communards* nem pelos versalheses, diariamente informados da menor atividade subversiva graças a um exército de delatores que espionavam as ações da população. Todos aqui os temiam.

Léo preferiu um encontro ao amanhecer para escapar de ouvidos e olhos indiscretos. A julgar pela localização quase desértica do cabaré, seu desejo fora realizado. A grande sala principal estava repleta de mesas vazias, espalhadas pelos quatro cantos. Nossas sombras, iluminadas por lamparinas de querosene penduradas aqui e ali, cobriam as paredes e ficavam maiores à medida que passávamos entre as cadeiras abandonadas. Uma calma matinal tomava conta do lugar, sinal de merecido descanso. Apenas o tilintar de alguns copos, vindo dos fundos, rompia o silêncio em intervalos regulares. No solo, os azulejos amarelados, adornados de preto e encardidos por um rastro de traças, davam a impressão de que tinham sido pisoteados por toda uma guarnição. Um cheiro nada agradável de restos de comida atestava, à sua maneira, a animação da véspera.

Depois de cruzar um pátio, chegamos por fim ao bar, um grande balcão de zinco que estava sendo meticulosamente polido por uma mulher imponente. Sem dizer palavra, ela ergueu o queixo na direção da portaria para indicar que estávamos sendo aguardados. Pai tentou cumprimentá-la tirando o chapéu, mas tudo que conseguiu foi um olhar indiferente. Eu, ao contrário, fui agraciada com um largo sorriso, fraterno e desdentado. Sem dúvida, tínhamos acabado de entrar no antro dos subúrbios parisienses, onde quem governava eram as mulheres do povo. Eu ria por dentro à ideia de que Mohr provavelmente nunca tinha visto por esse ângulo o “proletariado em carne e osso” que

tantas vezes elogiou em seus artigos. No bar, as mulheres, “proletários dos proletários”, não eram uma abstração filosófica. Sem nada dizer, seguimos as instruções da encarregada, passando por cima de uma velha vassoura deixada sobre um assoalho desgastado.

Ocupada com a leitura de documentos, Lisa estava sentada a uma mesa. Levantou-se e nos deu um abraço caloroso. O silêncio de nosso reencontro disse muito sobre a emoção que tomou conta de todos nós. Embora a lembrança daquela figura tivesse permanecido intacta em minha memória, ela continuava a me desestabilizar com seu carisma. Era tão jovem – apenas vinte anos – e, ao mesmo tempo, tão madural. O queixo redondo e a testa esguia, ainda poupados pelo tempo, evocavam a adolescência, ao passo que o olhar azul-acinzentado que ensombrecia seu rosto revelava a idade endurecida pelos percalços da vida. Eu a achei extraordinariamente pálida, mas também radiante. O imenso cansaço acumulado que se podia perceber em seus traços não havia afetado seu encanto. O cabelo castanho estava, como sempre, cuidadosamente bagunçado em torno de um coque. Seus gestos eram sempre graciosos e delicados.

Toda de preto, ela usava com elegância um longo vestido de veludo, preso com um lenço escarlate na cintura. Parecia uma princesa russa trajada como os *sans-culottes*. Lisa também nos observava, disfarçando um leve sorriso ao avistar a roupa de Pai. Ela pegou uma das cadeiras e nos convidou a sentar.

— *Dobroe utro!* Meus queridos amigos, senti tanto a falta de vocês! Há apenas um mês, estávamos planejando esta viagem juntos em seu escritório, Karl, em Modena Villas, e ainda assim parece que anos se passaram desde Londres. Tudo avança muito rápido aqui, sem que saibamos para onde nos viramos. Os dias são curtos para cumprir a avalanche de tarefas que a Comuna nos exige. Cada instante traz sua cota de acontecimentos e as consciências evoluem hora a hora, retirando os explorados do torpor no qual o Império os havia mergulhado por décadas. Mas aqui estou eu, já iniciando um discurso sem antes ouvi-los sobre as novidades. Jenny, quero elogiar seu senso de persuasão.

¹ Em russo, equivalente a bom dia. (N. E.)

Só você para conseguir convencer seu pai a cruzar o canal da Mancha! E você, Karl, sua saúde? Está irreconhecível. Um verdadeiro parisiense...

— Minha querida Lisa, obrigado por reservar um pouco do seu precioso tempo para conversar conosco. Gostaria de poder fazer mil e uma perguntas, mas seus compromissos nos obrigam a ir direto ao ponto. Sem esquecer de perguntar primeiro sobre você. Você deve estar exausta... A atmosfera esfumaçada dos clubes onde vocês se reúnem o tempo todo não deve ser boa para sua bronquite. Você precisa se proteger, mesmo que do ponto de vista político o ar de Paris pareça ajudar. O povo orgulhoso da Comuna a adotou então em definitivo.

— Você não poderia dizer melhor, Karl. Ontem à noite, entre estas paredes, a assembleia geral da União das Mulheres me honrou com o título de “cidadã parisiense”, exigindo que a República Universal me naturalizasse e me elevasse à condição de “cidadã da humanidade”. A Comuna atrai milhares de estrangeiros internacionalistas: prussianos, italianos, belgas. E russos, claro, como eu, o escritor Piotr Lavrov, um velho conhecido, ou as irmãs Korvine-Kroukowski, ambas próximas de Dostoiévski, as quais conheci em São Petersburgo. Os poloneses também estão no centro das atenções, Dombrowski e Wroblewski são os generais de nossa defesa militar. Quanto à nomeação do nosso amigo Léo, um húngaro, para o cargo de delegado do trabalho, ela ainda não foi engolida pelos versalheses, que a veem como uma prova irrefutável da onipotência da Internacional. Karl, se soubesse de sua chegada, Thiers ficaria *zloy ot yartost?* e cobriria Paris com seu cartaz de procurado. Veja nisso apenas uma recomendação amigável, não uma censura, você realmente precisa ter cuidado. Tanto mais que a tomada do Fort-de-Vanves pelos “calças vermelhas” de Versalhes não é um bom presságio. Neste exato momento, eles estão destruindo nossas muralhas, ao passo que cabia a nós termos avançado primeiro, marchando sobre Versalhes. Nesta guerra civil, teremos que lutar até a morte e cruzar os dedos para que o confronto fatal que se avizinha não sufoque os muitos projetos que a Comuna pretende realizar.

² Em russo, algo como “zangado, com raiva”. (N. E.)

— Lisa, eu não sabia que você era tão belicosa, mas entendo a urgência da situação. A guerra civil é o grande projeto de Thiers, esse anão monstro que conseguiu manter a burguesia francesa sob seu feitiço por quase meio século, adaptando-se às circunstâncias e aliando-se a todos os regimes em vigor. Ele quer um massacre para dar exemplo. Pois a Comuna é uma experiência única na história da luta de classes, experiência cuja própria existência representa uma ameaça para a burguesia. Admito que a subestimei no início. Talvez eu estivesse obcecado com a situação alemã, na qual as condições materiais me pareciam mais propícias. Isso apenas mostra que a cadeia de dominação pode se romper a qualquer momento e onde menos esperamos. Sob o reinado de Luís Bonaparte, durante o Segundo Império, a classe dominante havia encontrado a última forma de poder do Estado capaz de se opor à ameaça popular: a de um regime inteiramente concebido para ser uma máquina de guerra nacional do capital contra o trabalho. A Comuna é a antítese direta do Império. Uma inversão da história, na qual o trabalho predomina sobre o capital. Léo nos contou sobre a intenção de vocês de fundarem oficinas federadas de produção, em particular no setor têxtil. Um plano elaborado pela União das Mulheres, que seu ministério poderia validar...

— Saiba que a União das Mulheres deve muito a Nathalie Le Mel, também membro da Internacional. Ela é próxima de Varlin, que conheci em Genebra no ano passado. Nós nos entendemos de imediato. Eu a considero um pouco minha irmã mais velha. Seu caráter rebelde breião e seu pragmatismo inabalável fazem dela um dos pilares da União, nos vinculando com firmeza à efervescência da vida política parisiense. Uma ebulição permanentemente irrigada por um número incalculável de clubes revolucionários e comitês de bairro. A Comuna extrai sua seiva das raízes, antes que ela suba pensosamente até a superfície. Na verdade, a revolta do povo parisiense vem sendo gestada há vários meses. A Comuna viu a luz do dia em 18 de março, mas já fungeava nos flancos do velho mundo muito antes do cerco, desde o fim do Segundo Império, quando casas comunistas, que ainda não sabiam umas das outras, involuntariamente minaram as fundações da velha ordem. As eleições municipais de 27 de março foram apenas o

resultado dessa lenta fertilização democrática que aguardava a sua hora. Durante esse ciclo de gestação política é que Nathalie foi levada a militar e a aprender a se impor nas tribunas ardentes e exclusivamente masculinas. Oradora reconhecida, ela é também uma excelente organizadora. As infundáveis discussões sobre o mundo do futuro não a distraíram de seus objetivos imediatos. Com Varlin e em tempo recorde, ela conseguiu montar uma cooperativa de alimentos e também uma gigantesca cantina de trabalhadores, chamadas “Dona de Casa” e “A Marmita”, para que os mais pobres não morressem de fome durante o inverno. Mais de 8 mil pessoas se beneficiaram dessa ajuda mútua. Quando lançamos o apelo à constituição da União das Mulheres, não surgimos do nada. Nossa legitimidade com os proletários estava consolidada. A expectativa política era ainda mais forte. Daí o alto comparecimento em nossas reuniões.

Ao ouvi-la falar, percebi quanto Lisa havia mudado em tão pouco tempo. Ela transmitia um agudo senso de confiança, até mesmo de autoridade. No entanto, não era difícil detectar nela uma fragilidade contida e discreta. Seu entusiasmo frenético e comunicativo mascarava expressões sérias, quase cansadas. Mais forte que nunca, o fogo sagrado da revolução queimava dentro dela, mas uma corda sensível, escondida em algum canto de sua alma, parecia prestes a se romper a qualquer instante. Ela não era mais dona de si mesma. Era como se a causa a tivesse tirado de si. Senti Mohr preocupado e até ansioso por ela. Decidi renovar o fio da conversa para afastá-lo de seus pensamentos.

— Diga-me, Lisa, quais foram os objetivos fixados pela União das Mulheres? Vocês cuidam dos feridos?

— Não só, longe disso. Recusamos a condição de assistentes da revolução. Claro, temos muitas trabalhadoras de primeiros-socorros e cuidadoras em nossas fileiras, cuja função é tão vital quanto ariscada, já que Thiers não hesita em mandar atirar contra nossas ambulâncias sob o pretexto de que não ratificamos as convenções internacionais em vigor. Como se tivéssemos tido essa possibilidade! Mas nos recusamos a ficar à beira do leito da Comuna e buscamos o reconhecimento pelo que somos de fato: cidadãs e combatentes. Tão valentes quanto muitos homens.

Lisa falava comigo, mas eu sabia que suas palavras se dirigiam principalmente a Pai, buscando convencê-lo do papel central das mulheres na revolução. Em Paris, elas estavam em todas as esquinas propagando os valores emancipatórios da Comuna. Os casebres insalubres, os cafés chiques, as oficinas, os quartéis, as reuniões públicas, os teatros ou as barricadas, nenhum lugar na capital lhes escapava. Sua determinação fazia Versalhes se irritar e tremer. Elas não esperaram até março para tomar as ruas. Da proclamação da República, em 4 de setembro, até as muitas jornadas de insurreição que incendiaram a praça da Prefeitura durante o cerco, elas sempre participaram ativamente da luta, sem nunca desertar. Sem elas, no 18 de março, a Comuna provavelmente teria deixado sua artilharia cair nas mãos dos versalheses. Quem fez o chamado naquela manhã na colina Montmartre para reunir a multidão e preservar nossas armas? O comitê de vigiância das cidadãs do 18^o *arrondissement*, liderado por Louise Michel.

Quando os versalheses fizeram seus primeiros ataques militares em Courbevoie, no início de abril, foram as mulheres que imediatamente convocaram uma marcha sobre Versalhes. No dia 3, na place de la Concorde, elas eram mais de mil, segundo Lisa, exigindo uma saída em massa para reforçar as guarnições de Flourens e Duval e desferir um golpe fatal nos agressores. Elas até tentaram cruzar as fortificações para socorrê-las, mas a Guarda Nacional as impediu de fazê-lo. A prefeitura, atormentada por debates incessantes, relutou mais uma vez em enviar todas as forças disponíveis. As promessas de ação do Conselho Municipal não eram mais suficientes. As mulheres da Comuna estavam impacientes. Elas então decidiram se organizar. Pai escutava a história de Lisa, mas algo parecia exciá-la.

– O Comitê Feminino da Internacional não bastava?

– Digamos que havia chegado o momento de pensar grande e que essa ideia não era necessariamente unânime dentro do Comitê Feminino da AIT, com o qual fui colocada em contato por Benoît Malon, líder da Internacional, que você conhece, quando cheguei a Paris. Lançamos então um apelo público às mulheres para que pegassem em armas. Nosso lema era taxativo: “Viver livre trabalhando ou morrer

lutando!”. Assim que apareceu no *Diário Oficial* da Comuna e no dia seguinte em *La Sociale*, nosso anúncio teve um sucesso que nos superou. Nosso manifesto foi colado nas paredes da cidade, em fachadas diante das quais grupos de mulheres se aglomeravam sob o olhar ansioso dos transeuntes endomingados. Algumas delas, mais instruídas, liam em voz alta. Ainda posso ouvi-las repetindo estas palavras: “A luta pela defesa da Comuna é a luta pelos direitos das mulheres!”.

Lisa estava tão exultante que sua respiração começava a se alterar ao final de cada frase. Pai começou a lhe fazer perguntas para que ela recuperasse o fôlego.

– Calma, Lisa. Entendo o que quer dizer. Sua análise é convincente. Além disso, seu movimento parece atrair o coração do proletariado parisiense...

– Sem dúvida. Entre os 8 mil membros da União, os intelectuais saídos da burguesia ou da aristocracia, como eu, são muito poucos. Nosso exército conta com muitas operárias, costureiras, garçonetes, lavadeiras, modistas, lojistas, pessoas sem profissão também, muitas delas solteiras ou viúvas. Todas reivindicam o direito ao trabalho e à igualdade salarial, à educação laica e gratuita para meninos e meninas, a criação de creches coletivas, mas também a igualdade cívica e jurídica ou, ainda, o direito de voto, porque mesmo aos olhos dos homens da Comuna continuamos cidadãs de segunda classe, nem eleitoras nem elegíveis.

Lisa nos explicou a que ponto foi preciso insistir para que cada subprefeitura de distrito abrisse escritórios de recrutamento. Havia um ou dois distritos refratários, mas em muitos lugares foram esses escritórios que possibilitaram a participação das mulheres na gestão municipal. A União pretendia se sobrepôr ao modelo comunal, nele injetando a preocupação com a eficácia própria da Internacional. A atividade das assembleias locais era centralizada por uma comissão distrital permanente, composta por onze membros. Cada uma delas mantinha cotidianamente informado o comitê central de Paris, no qual Lisa tinha assento. Este último organizava de duas a três sessões por dia, na maioria das vezes em uma sala da prefeitura do 3^o *arrondissement*.

Inquanto nos dava todas essas explicações, Lisa foi repentinamente atacada por uma tosse desagradável, que conseguiu conter com elegância.

– Desculpem-me. Os dias são agitados e o sono se tornou uma mercadoria rara. Ainda mais preciosa que a comida. Mas se você soubesse a que ponto os desafios me entusiasмам! Tenho a impressão de estar vivendo, aqui, a concretização das questões que abordávamos em seu “salão” londrino. Quantas horas passamos discutindo o potencial socialista das comunidades camponesas tradicionais da Rússia... Ainda o vejo andando de um lado para o outro em frente à lareira, charuto na mão, a *Causa do Povo* debaixo do braço, debatendo o ponto de vista do jornal de nossa seção russa. Você se lembra?

– Como poderia esquecer nossas conversas, nas quais você nunca se esquecia de citar este ou aquele trecho de seu romancista favorito, Tchernichevski! Reconheço que a influência política de seu livro *O que fazer?*² despertou minha curiosidade e que, graças a você, ele impulsionou minha reflexão sobre as formas de organização comunitária. Mas eu não fazia ideia de quanto a história dele capturou sua imaginação e de quão intimamente acompanhou cada passo seu. Em Paris, você acabou de entrar na pele de sua personagem favorita, Vera Pavlovna. Casamento de circunstância para escapar de seu ambiente; sede de ideal coletivo e liberdade individual; alergia a toda forma de autoritarismo; talento de “oradora”, título afetuoso dado por seus camaradas, que não pouparam ordens, mas conselhos... Você definitivamente vestiu a fantasia de sua heroína. Quanto ao projeto de cooperativas de costureiras, permitirá que a ficção de Tchernichevski se torne realidade. Vera ficaria orgulhosa de você. Voltando à questão de fundo, a proposta de oficinas de costureiras, administradas inteiramente pelas operárias, seria uma novidade. Essas fábricas de um novo tipo fundariam novas comunidades de trabalhadores, uma espécie de *artels*³ operários parisienses possuidores das máquinas e dos tecidos, no lugar da terra, das ferramentas e do gado partilhados pelos tradicionais *artels* rurais da Rússia. Devo admitir que

¹ Na Rússia pré-revolucionária, uma associação cooperativa de artesãos que viviam e trabalhavam juntos. (N. E.)

a lógica das comunidades camponesas autônomas, as *obscina*, de que você me falou com entusiasmo, abrange em parte a da democracia comunalista. Com a diferença notável de que esta última é uma reatização da classe trabalhadora, com base em sua própria experiência, e, por isso, coloca a questão da propriedade de uma nova maneira. A Comuna é uma tentativa concreta de libertação do jugo do capital. Uma perspectiva forte o suficiente para fazer tremar os exploradores de todo o mundo. Você se dá conta, Lisa, de que a cidade-luz abriga, a sério, o comunismo “impossível”; longe das utopias? O sino da Notre-Dame soa a sentença de morte do capitalismo. Uma visão aterrorizante para a burguesia, que corre o risco de reagir à altura de seus medos. Léon me falou de sua preocupação com a inércia do governo comunal em relação à necessidade de sublevar a província. Você tem razão. A derrota das Comunas de Lyon e de Saint-Étienne, depois da de Marselha, e, mais recentemente, da de Narbonne, deve nos fazer temer o pior, caso a Comuna não consiga colocar o campesinato francês contra Versalhes. Uma coisa é certa: este levante será um marco na história do pensamento socialista, atestando, espero que de uma vez por todas, que as ideias não caem do céu, mas se revivificam no contato com a ação.

– Estou inteiramente de acordo com você: tem de ser de uma vez por todas! Mas é preciso que essa experiência seja bem-sucedida e cumpra suas promessas. Nem todos compartilham do seu entusiasmo pelas cooperativas. Os armazéns militares de Alésia e de Denfert estão transbordando de estoques de tecidos já pagos, aguardando apenas a requisição para iniciar a produção dos uniformes necessários à Guarda Nacional. O mesmo vale para os cartuchos de fuzis ou os sacos de areia reivindicados por nossas barricadas e nossas fortificações. Os trabalhadores não são apenas capazes de fabricar o que nos falta, mas podem também produzi-lo sob um sistema social em que o fruto do trabalho não seja mais monopolizado por um punhado de aproveitadores. Também nesse ponto nosso apelo foi inequívoco: “Queremos trabalhar, mas também ficar com o produto... Sem exploradores e sem senhores”. Em cada distrito, as cooperativas poderiam atender às necessidades da população, operando de forma autônoma, sem se desvincular da

coordenação da Comissão da Comuna. Apostamos que um dia esse tipo de federação de produtores livres reunirá as diferentes Comunas da França. E, quem sabe, as de além das fronteiras. Por enquanto, a Comuna prefere continuar negociando suas mercadorias com as empresas que apresentam a melhor oferta. Mesmo que os salários dos trabalhadores sejam impactados. Não está tudo resolvido, Karl, longe disso. Nossas ideias provocam engargalos em algumas pessoas na Prefeitura. Alguns têm antonções de Robespierre em suas vozes, mas sua determinação não segue a mesma frequência. Quando se trata de atacar Versalhes, tomar o Banco da França ou afirmar a propriedade pública em detrimento do sacrossanto direito de propriedade capitalista, essas mesmas pessoas começam a gaguejar. A Comuna não é uma simples réplica de 1789, é a primeira revolução operária da história...

Pai estava prestes a se aprofundar no assunto quando a garçonete delegação da União das Mulheres de Vaugirard.

– Karl, Jenny, gostaria de conversar mais com vocês. Nem pude oferecer-lhes uma bebida. Que frustração! Camaradas chegarão em breve, e seria prudente...

– Sim, Lisa, claro, vamos embora imediatamente. Você pode se orgulhar de sua ação. Mas, por favor, cuide-se. Brindaremos à sua saúde depois de todos esses acontecimentos. Prometido.

O rosto de papai escureceu quando disse essas palavras. A visão da arma que ela colocou na cintura não apaziguou seus temores. Lisa respondeu ao meu olhar questionador:

– Sim, como muitos, estou pronta a morrer em uma barricada um dia destes!

Pensamos em deixar o lugar na ponta dos pés, mas a encarregada decidiu o contrário e nos brindou com um esdrúculo "Adeus, *Mssieur-Dame*. Vivam as mulheres e viva a Comuna!".

5

Passeios na Paris insurgente

Deixamos o Café des Nations por volta das 8 horas da manhã. Pai estava concentrado em seus pensamentos. A entrevista com Lisa produzia seus efeitos: o honorável Karl Marx já ardia de impaciência por colocar suas ideias no papel. De minha parte, eu estava em clima de primavera, apesar das circunstâncias trágicas. Longe das grandes questões que desafiavam o mundo, meu coração só obedecia a si mesmo, fixando a lembrança em nosso reencontro com Charles Longuet. Minha alma estava febril, o cérebro de Mohr estava em chamas. Ficamos parados na frente do café, ambos revisando nossos pensamentos. Nossas mentes precisavam relaxar, mesmo que apenas por um momento. Por isso, sugeri que nos deixássemos guiar pelo acaso das ruas, a fim de respirar aquele ar de Paris que, segundo Victor Hugo, consegue conservar a alma.

– Mohr, temos muito tempo. Jean-François, amigo de Léo, nos pegará na frente da Ópera ao meio-dia. E se aproveitássemos para dar um passeio?

– Excelente ideia, Jennychen! Adio meus compromissos. Visitemos a cidade em que você nasceu e que, por assim dizer, mal conhece. Éramos recém-casados, eu e sua mãe, quando nos mudamos para a rue Vanneau no final de 1843. E você tinha apenas alguns meses quando as autoridades francesas nos expulsaram sob pressão do embaixador prussiano, em fevereiro de 1845. Foi um exílio de sabor amargo, tanto mais frustrante quanto era precisamente a liberdade de expressão que

ouvido de Jean-François: Concentrei-me na paisagem da capital. A place de la Concorde, com a estátua de Estrasburgo coberta com um grande pano preto desde a anexação da Alsácia e Lorena pelos prussianos, a ponte, o quai d'Orsay e em seguida a esplanade des Invalides. Poucos minutos depois, nosso veículo improvisado diminuiu a velocidade na rue Yvonneau, antes de parar no número 38.

– É aqui, Jennychen, que morávamos, é aqui que você nasceu.

À noite, meu pai estava especialmente cansado, mas parecia contente e alegre. Durante o jantar, ele fez a Léa um balanço detalhado da nossa jornada, sem se esquecer de perguntar sobre a disponibilidade de Eugène Varlin e Louise Michel nos próximos dias. Depois, foi para a cama, adormecendo quase imediatamente. Um sono merecido.

6 Eugène Varlin, comunista antiautoritário

Léo informou a Eugène Varlin, seu colaborador na Comissão de Finanças, sobre a visita de Mohr. No dia seguinte, fomos convidados a encontrá-lo em seu escritório na prefeitura. Conhecemos Varlin no Congresso da Internacional em Londres (1865): ele era um jovem trabalhador, encadernador por profissão, alto, com abundantes cabelos pretos jogados para trás e uma barba pujante. Seus olhos escuros e brilhantes expressavam gentileza e energia. Na festa organizada para comemorar o primeiro aniversário da fundação da AIT¹, ele nos fez dançar. Laura, Tussy e eu! Falava apenas francês, mas, ao contrário de alguns de seus compatriotas, não falava muito: sua fala era sóbria e precisa.

Pai tinha o maior respeito por ele:

– Varlin não é um proudhoniano como os outros. Organizador brilhante, conseguiu federar as associações operárias de Paris e atraí-las para a Internacional. Durante o processo contra os internacionalistas, fez um discurso magnífico, denunciando o capitalismo e os “paxás¹ financeiros que produzem abundância ou escassez à vontade, semeando sempre, em torno dos milhões que acumulam, mentiras, ruína e falência”, cito de memória. Foi graças a ele que, no Congresso da Basileia (1869), obtivemos sucesso em neutralizar os proudhonianos “individualistas” e conseguimos aprovar uma resolução “coletivista” em defesa da

¹ No Império Otomano, “paxá” era o título não hereditário dos governadores e vizires, depois adotado por outros funcionários e dignitários civis ou militares. (N. T.)

sociedade da propriedade da terra. Nosso principal oponente nessa polêmica, o senhor Tolain, mostrou sua verdadeira face ao escolher o lado dos versalheses contra a Comuna.

Apresssei-me a acrescentar uma palavra a essa homenagem, argumentando que ele teve a coragem de defender, novamente contra seus amigos proudhonianos, o direito das mulheres ao trabalho e o princípio do “salário igual para trabalho igual”.

Foi então a vez de Léo – que não escondia a estima pelo amigo internacionalista – citar um trecho de sua defesa perante os juizes do Império, na audiência de 22 de maio de 1868: “Somente um vento de liberdade absoluta pode purificar esta atmosfera carregada de iniquidades e tão cheia de tempestades para o futuro”.

Segundo Léo, Varlin havia previsto, como um profeta dos novos tempos, a tempestade que estouraria em Paris três anos depois. Ele participou, aliás, à frente da Guarda Nacional de Batignolles, da revolta do 18 de março. Em todas as situações, sempre se destacou por sua capacidade de decisão, sua ousadia, sua coragem e sua humanidade. Rapidamente, tornou-se popular: nas eleições para a Comuna, foi o único a ser eleito por três *arrondissements*, o 6º, o 12º e o 17º.

No dia seguinte, fomos encontrá-lo na prefeitura. Na magnífica fachada renascentista desse edifício histórico, flutuava uma enorme bandeira vermelha: era o coração político da Comuna. Ao redor, destacamentos da Guarda Nacional, com alguns canhões, protegiam aquele lugar estratégico.

Em frente à prefeitura, alguns guardas, de fuzil ao ombro, controlavam as entradas: para ser admitido, era necessário ter uma autorização das comissões distritais, dos batalhões da Guarda ou de funcionários eleitos da Comuna: a nossa, em nome de “Senhor e senhorita Richardson, negociantes ingleses”, estava assinada por Léo Frankel. Diante de nós, uma personagem de aparência duvidosa, desprovida de autorização, tentava forçar a passagem, mas os guardas a impediram com firmeza. Seguiu-se uma altercação, antes que o indivíduo desistisse e saísse resmungando. Graças ao nosso documento assinado por Léo, fomos admitidos sem problemas e até recebemos um sorriso dos guardas.

Havia intensa agitação no prédio: guardas armados, trabalhadores e mensageiros corriam em todas as direções; discutia-se nos corredores, pequenos grupos se formavam a fim de trocar informações. Viam-se também algumas mulheres, provavelmente militantes da União das Mulheres para a Defesa de Paris. A prefeitura era como uma colmeia zumbindo constantemente. A alegre desordem seria apenas uma aparência ou uma característica essencial dessa insurreição popular?

Varlin nos aguardava no primeiro andar, em seu escritório da Comissão de Finanças. Era uma daquelas salas da prefeitura com uma ornamentação espetacular no estilo do Segundo Império; aquele luxo artificial contrastava com a simplicidade da mesa e das cadeiras, que pareciam ter vindo da oficina de um humilde marceneiro do faubourg Saint-Honoré.

Varlin ficou contente, mas muito surpreso, quando nos viu chegar: – Cidadão Marx, você está irreconhecível! Seu disfarce é perfeito! – É minha filha Jenny que você deve felicitar, cidadão Varlin. Foi ela quem inventou esse subterfúgio...

– Bravo, cidadão! Você deu prova de uma prudência louvável.

Foi minha vez de cumprimentá-lo:

– Querido Eugène, é um grande prazer vê-lo novamente. Nunca esqueci nossa valsa na festa da Internacional em Londres.

Após esse preâmbulo, Pai foi ao cerne da questão:

– Cidadão Varlin, devo confessar que estou profundamente impressionado com o que está acontecendo aqui em Paris. Famintos e desorganizados pela traição interna ainda mais que pelo inimigo externo, vocês se levantaram corajosamente. Que flexibilidade, que iniciativa histórica, que capacidade de sacrifício! A história não conhece outro exemplo de tamanha grandezal! Esta Comuna é a conquistada mais gloriosa do nosso partido desde a insurreição parisiense de junho.

– Esperemos que ela não termine como em 1848...

Nesse momento, a atenção de Mohr foi atraída por um cartaz colorido da Comuna, que substituíra, acima da lareira, o retrato do imperador, provavelmente mandado para o lixo. Aproximou-se da parede para estudá-lo: representava um federado atrás de um canhão,

segurando nas mãos uma bandeira vermelha com o lema “A Comuna ou a morte”; ao seu lado, uma mulher apontava com o braço para uma cidade que se avistava a distância. O título do cartaz era inequívoco: “Para Versalhes!”

Pai se voltou para Varlin com um grande sorriso:

– Esse cartaz está certo! Vocês foram muito gentis, deveriam ter marchado em direção a Versalhes imediatamente. Mas não quiseram começar a guerra civil, como se aquele nanico do Thiers já não a tivesse iniciado, tentando desarmar Paris!

Varlin comparilhava dessa opinião... Disse a Mohr que, nos primeiros dias, propôs o ataque. O problema era que a Guarda Nacional, composta de pessoas dignas e corajosas, era o povo armado, não um exército profissional. Ela carecia de disciplina, apesar dos esforços do comissário de guerra, Gustave Cluseret; não estava acostumada a operações em campo de batalha.

Um pouco apreensivo com a resposta, Pai abordou a questão por outro ângulo: para ele, faltava à Comuna alguém como Blanqui, capaz de retificar o rumo e disciplinar os combatentes. Queria saber se havia alguma maneira de obter sua libertação.

Varlin explicou que, após o assassinato de Duval e Flourens pelos versalheses, a Comuna havia feito algumas dezenas de reféns, incluindo o arcebispo de Paris, monsenhor Darbois, propondo a Thiers a troca desse ilustre eclesiástico por Blanqui. Mas Thiers recusou categoricamente. A Comuna agora ia sugerir a troca de *todos os reféns* apenas por Auguste Blanqui.

Um pouco céptico quanto a essa possibilidade, Mohr perguntou:

– E se ele recusar? Vocês vão executar os reféns?

Varlin engasgou:

– De modo algum! Eu me oporia com todas as minhas forças. É contra nossos princípios socialistas². Se o fizéssemos, daríamos margem

a que nossos inimigos sustentassem a acusação de que queremos ressuscitar o Terror de 1793. Seria ótimo se Blanqui pudesse ser libertado, mas não acredito que um único indivíduo possa mudar nossa precária situação militar.

Mohr voltou à carga, apontando novamente para o cartaz sobre a lareira: a Guarda Nacional não seria capaz de liderar uma ofensiva?

Varlin duvidava dessa possibilidade. Lembrou a Pai que a Guarda havia tentado um ataque contra os versalheses, em Châtillon, em 3 de abril. Resultado: os *commandants* foram derrotados, mil guardas nacionais foram feitos prisioneiros e dois dos melhores comandantes, Duval e Flourens, foram fuzilados pelos versalheses.

Cada vez mais preocupado, Mohr perguntou-lhe então como a Comuna pensava em enfrentar as tropas de Thiers.

Varlin hesitou por alguns instantes. Não era uma pergunta fácil de responder. Finalmente, ele nos ofereceu uma hipótese realista:

– Nossos batalhões estão entranzados em bairros populares. Seu método de luta espontânea é o de todas as insurreições populares de nossa história: a barricada. Se os versalheses nos atacarem, Paris estará repleta de barricadas, cada uma com seus canhões. A Guarda Nacional lutará com coragem, os versalheses enfrentarão uma resistência feroz.

Pai estava apenas parcialmente convencido: as barricadas poderiam resistir a um ataque do exército regular?

– Nossa esperança é que se repitam as cenas do dia 18 de março: os soldados de linha se recusaram a atirar nas pessoas e alvejaram seus próprios generais.

– E se isso não acontecer, cidadão Varlin?

– Então será um banho de sangue, muito pior que em junho de 1848, cidadão Marx...

Fez-se silêncio, cada um de nós refletia sobre aquela conversa sincera, mas preocupante. Mohr tinha mais alguma coisa a lamentar: em sua opinião, o Comitê Central da Guarda perdera muito tempo abdicando de seu poder para poder organizar as eleições da Comuna. Os revolucionários tiveram uma preocupação excessiva com a “honestidade”! Varlin discordou! Sua resposta foi clara e precisa:

² Durante a Semana Sangrenta, no dia 25 de maio, Varlin se opôs, sem sucesso, à execução de reféns na rue Haxo. Os versalheses não tiveram a mesma generosidade: três dias depois, ele foi capturado e fuzilado por ordem dos generais.

– Caro Marx, os revolucionários nunca são demasiadamente honestos! Essas eleições eram essenciais para assegurar a legitimidade da Insurgência. Era a garantia de que a Comuna representa efetivamente o povo de Paris. Quanto a isso, todos estávamos de acordo no Comitê Central da Guarda, os proudhonianos, os blanquistas, os jacobinos e os republicanos sociais.

Eu não disse nada, mas acho que Varlin tinha razão. Pai não parecia convencido, porém não insistiu. Preferiu desviar a conversa para outro terreno: por que a Comissão de Finanças da Comuna não se apropriaria do Banco da França?

Nosso interlocutor procurou alguns documentos em sua gaveta, consultando-os antes de nos responder:

– Tem razão, concordo com você. Propus essa medida ao Comitê Central da Guarda Nacional, mas ela não foi aceita. Enviamos, então, um ultimato ao diretor do Banco da França exigindo o pagamento imediato de um milhão de francos, valor necessário para honrarmos o salário da nossa Guarda Nacional. Fui com Jourde, o especialista financeiro da Guarda, até a sede do banco e recebemos o que pedimos. Voltaremos à carga na medida de nossas necessidades.

– Sim, mas enquanto isso o banco entrega dezenas, se não centenas de milhões a Versalhes...

– É verdade, mas não posso ir além das atribuições que me foram confiadas pela Comuna.

Nesse momento, alguém bateu na porta. Entrou um guarda nacional: explicou a Varlin que dois *communards*, os cidadãos Grélier e Viard, tinham reunido na prefeitura do 11^o *arrondissement* uma quantidade considerável de prataria, confiscada pelo povo nos palácios e igrejas; queriam saber o que fazer com aquele tesouro.

Agradecendo ao guarda pela informação, Varlin imediatamente escreveu uma mensagem, pedindo-lhe que a levasse a esses dois bravos camaradas. O precioso saque deveria ser transferido o mais rápido possível para a Casa da Moeda, onde seria confiado a Camélinat, que se encarregaria de transformá-lo em moedas de prata: a Comuna estava mesmo precisando!

Depois que o mensageiro saiu com as instruções, nosso amigo voltou-se para nós e comentou, com o rosto radiante de alegria:

– Vejam, esse é o povo de Paris: sem roubo, sem pillagem, sem “re-cuperação” individual. A prataria dos ricos fugitivos e do clero parasita foi entregue aos oficiais da Guarda Nacional ou aos conselhos distritais e está sob a responsabilidade da subprefeitura do 11^o *arrondissement*. Em breve, teremos algumas belas moedas de prata em circulação.

Pai respondeu com admiração, mas também com uma ponta de ironia:

– Parece que todos os cidadãos desta cidade insurgente sabem de cor as resoluções coletivistas da AIT!

– São poucos os que as conhecem, mas este povo é espontaneamente “coletivista”...

Pai queria saber qual era a influência da Internacional na Comuna. Varlin então lhe explicou que os socialistas e os internacionalistas eram apenas uma minoria, mas que suas propostas eram levadas em consideração. A maioria dos membros da Assembleia da Comuna era composta de jacobinos ou republicanos sociais.

Nesse momento, Mohr não se conteve. Desde o início, desejava questionar seu interlocutor sobre suas preferências políticas:

– Desculpe pela pergunta pessoal, cidadão Varlin, mas qual é a sua orientação em relação às doutrinas socialistas? Ainda é um proudhoniano? Tem afinidades com Bakunin? Você votou a favor da proposta dele de acabar com a herança, na Basileia³...

Um pouco surpreso com a pergunta um tanto indiscreta, Varlin fingiu remexer nos papéis sobre a mesa. Finalmente, respondeu com um sorriso irônico:

– Caro amigo, não sou um homem de doutrinas. Sou apenas uma humilde abelha operária fazendo seu mel com muitas flores. Tenho grande admiração por seus escritos e pelos de seu amigo Friedrich Engels: vocês expuseram a hipocrisia dos economistas burgueses, que reduziram as ciências sociais às considerações de mercado, em nome

³ Terceria maior cidade da Suíça. (N. T.)

da chamada liberdade econômica: o senhor demonstrou de maneira inefável a iniquidade de nosso regime econômico, baseado na imensa acumulação de capital, de um lado, e na miséria dos trabalhadores, de outro. No entanto, também encontro ideias interessantes em Fourier, Proudhon ou Bakunin. Como sabe, fundei e dirigi durante anos uma cantina popular, a *Marmite*. Procedo com as nossas doutrinas como na minha cozinha: procuro integrar e combinar todos os ingredientes socialistas, acomodando-os no meu próprio molho. Eu me considero um socialista coletivista ou um comunista não autoritário.

Essa resposta agradou a Mohr:

— É com prazer que me associo, caro Varlin, à sua “Marmite” comunista. Que o povo possa se alimentar dessa saborosa culinária! Mas diga-me, caro amigo, o que poderíamos fazer, uma vez de volta a Londres, para ajudar a Comuna?

Varlin pensou por um momento. A proposta era interessante, mas exigia algum cuidado. Por fim, dirigiu-se a Pai, fazendo dois pedidos:

Primeiro: a Comuna tinha confiscado, no Banco Nacional, títulos no valor de alguns milhões de francos. Mohr poderia tentar negociá-los na Bolsa de Valores de Londres?⁴

Segundo: pediu ao amigo que escrevesse, com base em suas impressões da visita, um novo relatório da ATT em solidariedade à Comuna.

Pai assegurou-lhe que faria o possível para atender a esses pedidos. A seu ver, eles eram a menor das preocupações: a causa da Comuna era a do proletariado internacional!

Foi então que também tomei a palavra para abordar um assunto que me interessava de perto:

— Caro Eugène, você, que foi um dos primeiros sindicalistas franceses a exigir remuneração igual para mulheres e homens, de acordo com o princípio “trabalho igual, remuneração igual”, o que pode fazer para garantir que a Comuna assuma essa reivindicação elementar de justiça social?

Esse era um terreno no qual Varlin se sentia bastante à vontade e, por isso, me respondeu com total sinceridade: havia encontrado bastante resistência da parte de seus camaradas nessa questão — e não apenas dos proudhonianos “estritos”. No entanto, ele os tinha convencido a fazer uma primeira concessão: a igualdade salarial para professoras e professores. Esperava ser capaz de ir mais longe na questão, mas isso dependeria em grande medida da capacidade das próprias mulheres de se organizarem e de lutarem por seus direitos. Nathalie Le Mel lhe havia dito que o assunto já estava sendo discutido na União das Mulheres.

Mohr retomou a palavra. Seu tom era sério e um pouco solene. Admitiu que a avaliação de Varlin sobre a situação militar muito o preocupava. Tinha pelo futuro dessa experiência maravilhosa. Estava convencido de que todas as negociações haviam se tornado impossíveis: a camarilha burguesa, no poder em Versalhes, só deixaria à Comuna a escolha entre resistir ou capitular sem luta.

Dessa vez, Varlin não hesitou. Sua resposta foi imediata e categórica: — Caro Marx, aconteça o que acontecer, posso garantir que a Comuna não capitulará sem resistência. O povo de Paris lutará implacavelmente, barricada por barricada, distrito por distrito, até o último cartucho. Nossa divisa sagrada é e continuará sendo “A Comuna ou a morte”.

— Acredito em você. Graças à Comuna, a luta da classe operária contra a classe capitalista e seu Estado entrou em uma nova fase. Qualquer que seja o resultado da luta, obtivemos um novo ponto de partida de significado histórico universal.

— Você resumiu perfeitamente o alcance do nosso combate...

Novo silêncio se instaurou. Varlin retomou a palavra:

— Quem você já encontrou em Paris, além do nosso amigo Frankel? Pai mencionou Élisabeth Dmitrieff e esse nome imediatamente despertou o entusiasmo de Varlin:

— Que mulher admirável! Que coragem, que energia, que inteligência! Léó e eu nos apaixonamos por ela... Qual será o próximo encontro?

Mohr explicou que, em breve, iríamos encontrar Louise Michel e aproveitou a oportunidade para lhe pedir uma autorização para seu clube.

⁴ Marx não obteve sucesso na tentativa de atrair o interesse da Bolsa de Valores britânica por esses títulos. (N. E. F.)

Com sua melhor pena, nosso amigo imediatamente nos forneceu o documento solicitado.

Nós nos despedimos com um abraço cheio de emoção. Não pude conter minhas lágrimas.

Fiz anotações detalhadas sobre essa conversa profundamente sincera, humana e calorosa entre Mohr e Eugène Varlin. Mas deixamos a prefeitura com o coração pesado, preocupados com o destino da Comuna.

7 Encontro com Louise Michel

Na manhã seguinte, ficamos em casa. Pai fez algumas anotações. Fiquei bastante animada com o encontro que teríamos com Louise Michel, no 18^e *arrondissement*, no final da tarde. Ao bater das 13 horas, Jean-François veio em busca de novidades. Sempre atencioso, ofereceu-se gentilmente para nos levar.

– Karl, Jenny, se quiserem, saímos agora, assim poderemos passar um pouco. A “carruagem” está pronta. Mas atenção, sob a condição inegociável de aceitarem meu itinerário!

Ele começou a rir. A ideia de ditar exigências a Marx parecia divertí-lo. Meu olhar pousou em meu pai, que ficou encantado com essa injunção. Na entrada da casa, nosso guia, sempre animado, fez uma pose teatral, como que nos avisando de que pretendia desempenhar seu papel até o fim.

– Avante, senhor e senhora! Vamos lá! Se tivéssemos o dia todo, eu começaria por Denfert, no 14^e *arrondissement*, para mostrar a galeria das catacumbas. Mas vocês provavelmente preferem ficar sobre a terra, não é?

Riu novamente. À direita, na place d’Italie, pegamos o boulevard de l’Hôpital de la Salpêtrière para chegar ao cais no nível do Jardin des Plantes. Um gigantesco salão de metal ampliava de modo considerável a estação de Austerlitz. Cruzamos o Sena e subimos pela bacia do canal Saint-Martin até a Bastilha. Pai massageava mecanicamente o joelho e, com a palma da mão, bebia soro de leite. A praça estava lotada de gente.